

Boletim informativo



Sala de Situação COVID-19 da
Universidade do Extremo Sul
Catarinense

ALUSIVO AO DIA DA
CONSCIÊNCIA NEGRA

REGISTRE AQUI A
SUA DÚVIDA:



Valdene Amorim



Comitê de
Análise e Gestão
Covid-19



Núcleo de Saúde
Coletiva da Unesc



residência
multiprofissional

ATENÇÃO BÁSICA | SAÚDE COLETIVA | SAÚDE MENTAL



SESMT
Serviço especializado em
Engenharia de Segurança e
Medicina do Trabalho

Sumário

Capacitação e entrega de EPIs.....	1
Por que a COVID-19 é mais mortal para a população negra?.....	2
Matriz de Risco.....	7
Conversa pelo Campus.....	8
Boletim epidemiológico: Panorama da Covid-19.....	9
SOS Unesc Covid-19 e Acolher Unesc Covid-19.....	10
Realização.....	11

Capacitação e entrega de EPIs

A Sala de Situação continua realizando as capacitações referentes ao plano gradual de retorno e biossegurança 20 capacitações sendo 181 capacitados.

Foram contempladas as áreas:

- Saúde
- Ciências, Engenharias e Tecnologias
- Ciências Sociais Aplicadas
- Humanidades e Ciências da Educação





Em alusão ao dia da consciência negra, o texto de hoje é uma publicação feita pela Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO).

<https://www.abrasco.org.br/>

Por que a COVID-19 é mais mortal para a população negra?

O Brasil e os Estados Unidos têm muito em comum quando se trata do coronavírus. Ambos estão entre os países mais atingidos do mundo, onde centenas morrem diariamente. O poder público máximo dos dois países possui opiniões semelhantes sobre a forma de lidar com a pandemia e têm sido criticados por isso. E em ambos os países o vírus está afetando desproporcionalmente os negros, resultado do racismo estrutural que remonta à escravidão.

Desigualdades raciais



O Brasil moderno nunca legalizou a discriminação racial como as leis Jim Crow nos Estados Unidos, mas as desigualdades raciais estão profundamente arraigadas. Apesar do persistente mito do Brasil como uma integrada “democracia racial”, a discriminação no mercado de trabalho caracterizada por menores salários para brasileiros pretos e pardos mesmo quando eles têm a mesma formação educacional de brasileiros brancos, assim como a segregação residencial, que determina que as pessoas negras, em sua maioria, residam nas periferias ou em favelas por conta da sua classe social, limitam as oportunidades para esta população.



Comitê de
Análise e Gestão
Covid-19



PPGSCol



unesc



Núcleo de Saúde
Coletiva da Unesc



residência
multiprofissional
ATENÇÃO BÁSICA | SAÚDE COLETIVA | SAÚDE MENTAL



unesc

SESMT
Serviço especializado em
Engenharia de Segurança e
Medicina do Trabalho



Esses e outros fatores se traduzem em menor expectativa de vida, educação e condições de vida para a população negra. Os brasileiros negros vivem, em média, 73 anos – três anos a menos que os brasileiros brancos, de acordo com a Pesquisa Nacional de Domicílios de 2017. Os EUA têm uma diferença de expectativa de vida entre as raças, bem similar.

Como os dados no Brasil não são coletados sistematicamente por raça/cor ou etnia, nem mesmo em nível da Atenção Básica à Saúde que possibilita a resolução de grande parte das necessidades de saúde da população brasileira, os impactos do racismo na saúde podem ser difíceis de ser mensurados.



O governo federal do Brasil não exigiu a coleta de dados raciais para os casos de COVID-19 até a segunda semana de abril, e somente o fez após pressão de movimentos negros, entidades de classe e associação científica. Todavia, os dados que têm sido divulgados não têm qualidade que permita a realização de análises robustas que desvelem as iniquidades raciais em saúde.

Independentemente disso, em abril o Ministério da Saúde já havia apontado altas taxas de mortalidade por COVID-19 entre os negros, uma categoria que inclui pessoas que se identificam como “pretas” e “pardas” no censo demográfico. As autoridades do município de São Paulo também anunciaram que as taxas de mortalidade entre os pacientes com COVID-19 eram mais altas entre os negros. Dados coletados no mês de maio por pesquisadores independentes para mais de 5.500 municípios mostram que 55% dos pacientes negros, hospitalizados com COVID-19 em estado grave, morreram em comparação com 34% dos pacientes brancos.





Racismo e saúde

Por mais de uma década, ativistas negras (os) e pesquisadores em saúde pública vêm apontando que o racismo institucional cria piores resultados para a saúde da população negra brasileira. A população negra experimenta taxas mais altas de doenças crônicas como diabetes, pressão alta, problemas respiratórios e renais devido à insegurança alimentar, acesso inadequado a medicamentos e prescrições.

O próprio racismo também causa um forte impacto físico sobre os negros. Estudos nos Estados Unidos demonstram que as experiências diárias de racismo e discriminação podem levar a índices perigosamente altos de hormônios do estresse e diminuir a capacidade do corpo de combater doenças, e conseqüentemente, a infecção pelo coronavírus.



Ao contrário dos EUA, o Brasil possui assistência médica gratuita e universal através do Sistema Único de Saúde (SUS). Mas, infelizmente, a precarização e subfinanciamento desse sistema tem colocado em risco principalmente as populações vulnerabilizadas que mais utilizam o SUS.

Atualmente, os leitos de terapia intensiva para atender os casos de coronavírus são escassos nos hospitais públicos de várias cidades. Isto é especialmente prejudicial para os pacientes negros com COVID-19, já que estes dependem mais do sistema público de saúde do que os brasileiros brancos, que geralmente têm seguro de saúde privado por meio de seus empregos.



Comitê de
Análise e Gestão
Covid-19



PPGSCol



unesc



Núcleo de Saúde
Coletiva da Unesc



residência
multiprofissional

ATENÇÃO BÁSICA | SAÚDE COLETIVA | SAÚDE MENTAL



unesc

SESMT
Serviço especializado em
Engenharia de Segurança e
Medicina do Trabalho



Pobreza e exposição

A desigualdade econômica extrema é outro fator crítico que interfere na saúde geral da população negra. Com os 10% da população mais rica do Brasil concentrando 55% do total da renda do país, o Brasil fica atrás apenas do Catar na desigualdade de renda, de acordo com um relatório de 2019 das Nações Unidas.

“ A diferença salarial racial no Brasil realmente supera a diferença salarial de gênero: as mulheres brancas ganham 74% a mais do que os homens negros. ”

De um modo geral, quanto maior o salário oferecido por uma empresa, menor a probabilidade de uma pessoa negra conseguir esse emprego. Muitos negros trabalham nos setores informais e de serviços, vendedores ambulantes ou faxineiros. Outros são trabalhadores independentes ou desempregados.

Durante uma pandemia, essa insegurança econômica diminuiu drasticamente a capacidade dos negros se distanciar socialmente e os torna altamente dependentes de permanecer em seus empregos, apesar da ameaça à saúde. Empregadas domésticas, por exemplo – a maioria delas são mulheres negras – estão se mostrando um grupo de alto risco. Aliás, uma trabalhadora doméstica estava entre as primeiras mortes de COVID-19 no Brasil.





Os riscos nos locais de moradia

O surto de coronavírus no Brasil se originou em bairros ricos cujos moradores haviam viajado para a Europa, mas a doença agora está se espalhando mais rapidamente para bairros pobres das periferias urbanas, densos e há muito negligenciados pelo Estado.



Pouco mais de 12 milhões de brasileiros, a maioria negros, vivem em assentamentos urbanos anormais, das favelas do Rio de Janeiro às “periferias” de São Paulo. Essas áreas têm acesso inadequado à água e ao saneamento, dificultando o cumprimento das recomendações básicas de higiene, como lavar as mãos com sabão.

Portanto, embora o impacto desigual da COVID-19 na população negra não tenha sido inevitável, ele não é surpreendente. O racismo que permeia quase todas as facetas da sociedade brasileira aumenta a exposição das pessoas negras ao vírus – depois reduz sua capacidade de obter atendimento de qualidade para mitigar os efeitos das formas graves da doença e até mesmo evitar a morte.

Autores:

Edna Maria de Araujo – Docente permanente do Programa de Pós Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Estadual de Feira de Santana-Bahia. Membro do Grupo Temático Racismo e Saúde da ABRASCO-Brasil

Kia Lilly Caldwell – Professora do Departamento de Estudos Africanos, Afro-Americanos e Diáspora da Universidade da Carolina do Norte-EUA

O Grupo Temático Racismo e Saúde da ABRASCO tem apoio institucional do Fundo de População das Nações Unidas no Brasil (UNFPA)



CONVERSA PELO CAMPUS

Confira o que nossos acadêmicos tem a dizer sobre esse semestre e quais as perspectivas para o próximo ano:

Mariana

Acadêmica de Odontologia



No começo da pandemia, não vínhamos para cá, estávamos apenas em EAD, mas desde que voltaram os estágios, a UNESC nos deixou super confortáveis, disponibilizando e cobrando o uso de todos os EPIs. Espero para o próximo semestre que, se continuar a pandemia, mantenham todos os cuidados. Se continuar assim, estou me sentindo segura.



Edesio Maciel junior

Acadêmico de Farmácia

Foi um semestre produtivo onde a universidade mostrou mais flexibilidade quando comparada ao semestre anterior. Minhas expectativas para o proximo semestre são positivas e espero que com o tempo tudo seja normalizado.

Boletim epidemiológico: Panorama da Covid-19

Dados coletados em: 11:00h 19/11/2020

Santa Catarina

311.393 casos confirmados
286.452 casos recuperados
1,09% taxa de mortalidade



Criciúma

9412 casos confirmados
8198 casos recuperados



Taxa de ocupação
UTI 88,89%



Dados coletados em: 0:05:22h 19/11/2020

Acesse: covid.unesc.net

SOS Unesc Covid-19

A Unesc possui um sistema de teletriagem referenciada para suspeitas de coronavírus. São 72 residentes da área da saúde, 14 professores da área da saúde e 24 professores médicos à disposição no programa. Os atendimentos ocorrem todos os dias das 08h às 20h.

Entre em contato: **(48) 99183-8663**



Acolher Unesc Covid-19



A Unesc possui um sistema de teleatendimento de saúde mental em tempos de Covid-19. O programa conta com psicólogos residentes à disposição para atendimento pontuais à população. Os atendimentos ocorrem todos os dias das 08h às 20h.

Entre em contato: **(48) 99644-1887**



Comitê de
Análise e Gestão
Covid-19



PPGSCol



unesc



Núcleo de Saúde
Coletiva da Unesc



residência
multiprofissional
ATENÇÃO BÁSICA | SAÚDE COLETIVA | SAÚDE MENTAL



unesc

SESMT
Serviço especializado em
Engenharia de Segurança e
Medicina do Trabalho

Realização

Luciane Bisognin Ceretta

Rafael Amaral

Cristiane Damiani Tomasi

Paula Zugno

Lisiane Tuon

Vanessa Iribarrem Avena Miranda

Fernanda de Oliveira Meller

Antônio Augusto Schäfer

Lucas Helal

Silvio Ávila

Zoraide Rocha

Bruna Giassi Wessler

Ana Maria Volpato

Dipaula Minotto

Luiza Lessa

Micaela Rabelo Quadra

Carla Damasio Martins

Júlia Steiner Pugen

Vanessa Pereira Corrêa

Marceli Velho Nazário

Ana Claudia Rodrigues

Ligia Salvan Dagostin

Paula Barcelos Inácio

Laura Nazari

Edinara Premoli

Franciele Gonçalves França

Geiziane Laurindo de Moraes

José Jorge Consenço Casagrande

Equipe Sala de Situação